

ARTIGO/DOSSIÊ

AQUI É UM BOM LUGAR PARA SE ABORDAR A MULTIMODALIDADE NARRATIVA

FLAVIO GARCÍA

Flavio García

Pós-Doutor (FLUL, 2021, 2022, 2023; FLUC, 2016; UFRGS, 2012; UFRJ, 2008).

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”; pesquisador do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas”; pesquisador colaborador do “Grupo de Estudios sobre lo Fantástico” (Universidad Autónoma de Barcelona) e do “Centro de Literatura Portuguesa” (Universidade de Coimbra); membro do Grupo de Trabalho ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0761-8092>.

E-mail: flavgarc@gmail.com.

Resumo: *Aqui é um bom lugar*, das portuguesas Ana Pessoa (texto verbal) e Joana Estrela (texto imagético), é um caderno de anotações, em que o conteúdo incorpora a temática do diário, cuja narrativa se dá a ler, solidariamente, pelas palavras e imagens. A jovem Teresa Tristeza escreve, desenha, cola, afixa e incorpora

a hibridez de diferentes modalidades discursivo-textuais para contar sua novela, com início no outono, impressões sobre si própria e seus planos para o ano letivo, o 12º, na expectativa de “nunca mais pôr os pés naquela escola”. Ao final do livro, surge a possibilidade de uma leitura metadiscursiva, em que dialogam a escrita, como materialidade, e a escritura, enquanto processo. Suas temática e constituição fazem com que *Aqui é um bom lugar* transite entre diferentes público-leitores, ainda que se possa afirmar que sua destinação originária sejam os jovens, logo, trata-se, nesse sentido, de uma narrativa crossover.

Palavras chave: Multimodalidade narrativa. Narrativa híbrida. Narrativa *crossover*. Literatura juvenil. Ana Pessoa. Joana Estrela.

Abstract: *Aqui é um bom lugar*, by the portuguese Ana Pessoa (verbal text) and Joana Estrela (image text), is a notepad, in which the content incorporates the theme of the diary, whose narrative is read in solidarity through words and images. The young Teresa Tristeza writes, draws, glues, affixes and incorporates the hybridity of different discursive-textual modalities to tell her novel, beginning in autumn, impressions about herself and her plans for the school year, the 12th, in expectation of “never setting foot in that school again”. At the end of the book, the possibility of a metadiscursive reading emerges, in which writing, as materiality, and writing, as process, dialogue. Its thematic and constitution make that *Aqui é um bom lugar* transits between different readerships, although it can be said that its original destination is young people, so it is, in this sense, a crossover narrative.

Keywords: Narrative multimodality. Hybrid narrative. Crossover narrative. Youth literature. Ana Pessoa. Joana Estrela.

Ainda que o alfabeto mais antigo de que se tem notícia remeta para milhares de anos anteriores às primeiras décadas do século XXI, há comunidades, até este momento, que não têm – e, talvez, nem

queiram ter – língua escrita. Vivemos em um cenário interseccional, coabitado de maneiras distintas pela oralidade e pela escrita. Valendo-se das potencialidades desse quadro, emergiu uma literatura em que diferentes linguagens se completam e cooperam entre si. Nessa diversidade, chegamos a um ponto em que verbal e visual dialogam na significativa da multimodal narrativa. Como observam Ana Maria Ramos e Diana Navas, “o termo multimodal implica a coexistência de texto e imagem lado a lado, em suas ‘formas originais’” (2015, p. 71), com interdependência entre palavras e imagens.

A incessante explosão tecnológica avança na terceira década do século XXI, assim, deparemos-nos com uma infinidade de casos bem mais diversos e elaborados de narrativas multimodais. Nesse sentido, Navas observa que:

A literatura mantém estreita consonância com o contexto histórico social –, não é de estranhar que, na contemporaneidade, momento em que estamos mergulhados em uma pluralidade de linguagens – em especial no que se refere a dos audiovisuais – as narrativas as incorporem, com a composição de textos literários marcados pela multiplicidade de linguagens. (2020, p. 148)

Logo, em meio a uma ampla diversidade de linguagens e canais, as narrativas híbridas se configuram como “textos multimodais, [aqueles] que incluem múltiplos modos (ou gêneros) de representação, com elementos combinados de impressão, imagens visuais e design” (NAVAS, 2020, p. 148).

Desde a viragem do século XX até a terceira década do XXI, eclodiram muitos novos canais midiáticos, levando, também, novas linguagens que se tornassem indispensáveis. Surgiram os

microcomputadores, com tecnologias cada vez mais possantes e linguagens mais complexas; os telefones celulares, inicialmente, apenas como canais de voz e, posteriormente, como poderosos veículos de dados; os conteúdos streaming, veiculados por aparelhos celulares, computadores, televisores com recursos de acesso à internet, sobrepujando outras mídias. Em face dessa diversidade de canais e linguagens, experimentada por diferentes camadas da sociedade, a literatura se valeu da ilustração, antiga aliada, e incorporou estratégias comunicacionais desse novo mundo.

Ainda que sejam os jovens aqueles que primeira e mais facilmente apropriam-se desses novos canais e aderem às suas linguagens, não são apenas eles que vêm se nutrindo das inovações, embora, por seu caráter mais receptivo e, ao mesmo tempo, mais reativo às novidades, sejam eles que venham contribuindo especialmente para a renovação do ficcional. Navas reconhece esse fenômeno ao registrar que:

Considerando [...] a literatura preferencialmente endereçada a jovens leitores, observamos que ela tem se tornado, na atualidade, espaço de orquestração de múltiplas linguagens, de sistemas narrativos e de formas de escritura, dialogando claramente com o contexto de inserção do público juvenil. (2020, p. 149)

Referindo-se à destinação textual, Umberto Eco propugna que o endereçamento de qualquer texto não depende, apenas, dos traços que o compõem, mas, também, “do que está atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente diante do texto e do processo de cooperação (no sentido de que depende da pergunta: ‘Que quero fazer com este texto?’)” (1988, p. 49). Sob essa perspectiva, “um texto outra coisa não é senão a estratégia que constitui o universo das suas interpretações legítimas – se não ‘legítimas’” (ECO,

1988, p. 44). Um conjunto de fatores, intra e extratextuais, interfere na recepção, não permitindo que se defina, com assertividade, que público atingirá.

Apoiando-se nos estudos narrativos, pode-se pressupor a destinação de um texto, com base na composição de seu herói¹. A figura do herói deveria corresponder ao imaginário do público leitor esperado, com valoração positiva e superioridade em relação às demais personagens, triunfando face ao percurso acidentado da narrativa (REIS, 2018, p. 193-194).

Tendo em vista a cooperação entre palavras e imagens, verbal e não verbal, a narrativa multimodal favoreceria a permeabilidade de recepção por jovens, com maior familiaridade com diferentes canais e linguagens que vêm emergindo, mas, também, atenderia às necessidades que todas as pessoas têm na interação com o mundo à sua volta, levando-as a romper, em diferentes atos de leitura, barreiras que subsistam nos endereçamentos textuais.

A narrativa literária, na atualidade, constitui-se, majoritariamente, *crossover*, ou seja, “ultrapassa o endereçamento da obra a um determinado público, evidenciando a pluralidade de experiências de leitura possíveis que podem dela decorrer” (VALIM; NAVAS, 2019, p. 194). Nesse sentido, Melina Galette Braga Pinheiro advoga que “a literatura *crossover* [...] agrada a leitores de todas as faixas etárias” (2015, p. 20). Consequentemente, “A literatura *crossover* pode funcionar como intermediária entre a literatura juvenil e a adulta” (PINHEIRO, 2015, p. 24).

1 “O herói, a figura central de um relato, implicando-se nele uma valoração positiva da personagem, em termos axiológicos, sociais ou morais. Trata-se, então, de um protagonista qualificado, que se salienta do conjunto das restantes personagens por ações excepcionais, muitas vezes difíceis de entender ou igualar” (REIS, 2018, p. 193).

Aqui é um bom lugar (2019), de Ana Pessoa e Joana Estrela, pode ser lido como narrativa multimodal ou *crossover*. Estamos empregando o termo multimodal para nos referirmos a textos verbo-visuais, aqueles em que palavras e imagens interdependem solidariamente para sua significação, e *crossover* em relação a textos cuja destinação venha a atravessar diferentes públicos leitores.

Ana Pessoa é autora de livros infantis e juvenis publicados em Portugal e outros países, dentre eles o Brasil². Para Ramos, “Ana Pessoa está para literatura juvenil desta década como a Alice Vieira esteve para a década de [19]80 e a Ana Saldanha para a de [19]90. Cada uma delas a marcar uma mudança de paradigma em termos da escrita para jovens” (2016). Joana Estrela “estudou Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes do Porto [...] e, em 2022, começou a estudar Banda Desenhada na LUCA, em Bruxelas”³. Artista portuguesa, ela “publica o seu trabalho enquanto ilustradora, destacando-se a sua colaboração com a editora Planeta Tangerina”⁴. Ganhou o I Prémio Internacional de Serpa para Álbum Ilustrado, com *Mana* (2016), e o prémio de Melhor Ilustração de Livro Infantil (Autor Português) no festival Amadora BD. Ana Pessoa e Joana Estrela vêm publicando muitas obras em parceria, endereçadas, em um primeiro nível, aos públicos infantil e juvenil.

Aqui é um bom lugar “é mais um volume da recomendadíssima coleção Dois Passos e Um Salto, que se diz sem idade e promete ‘diferentes histórias, temas e vozes: aventuras, viagens, diários, mistérios, magia, histórias com final feliz e outras que farão os

2 Foram publicados no Brasil: *Supergigante* (SESI SP, 2015), *O caderno vermelho da menina karateca* (SESI SP, 2015), *Mary John* (SESI SP, 2018), *Eu sou eu sei* (Tordesilhas, 2019), *Assim ou assado* (Alta Books, 2021).

3 Disponível em: <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/sobre/joana-estrela/>. Acesso em: 09 mai. 2023.

4 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_Estrela. Acesso em: 09 mai. 2023.

possíveis [...]” (SILVA, 2019). Segundo Pedro Miguel Silva, a obra surge como “fruto da parceria de Ana Pessoa (texto) e Joana Estrela (ilustrações)” (2019). O crítico falha ao dizer que as imagens de Estrela são ilustrações, pois a legibilidade da narrativa se subordina ao caráter híbrido de sua composição, sem que se possa identificar as imagens como ilustração. Adiante, porém, ele se redime:

É um diário gráfico fora do comum, que aos pensamentos reservados à confidência do papel junta, também, fotos e recortes, desenhos entre o esboço e o pormenor, onde a escrita é também um gesto de ilustração, num livro com uma paginação irrepreensível cabendo ao azul e ao preto o domínio absoluto sobre a neutralidade do branco. (SILVA, 2019)

O quotidiano da protagonista é registrado em

uma espécie de diário gráfico, escrito e desenhado a quatro mãos, onde encontramos as observações e os pensamentos de Teresa Tristeza sobre a família, os amigos e a escola, os livros, os sonhos e os pássaros, as frases ouvidas em casa e na rua, a liberdade e o futuro, a noite e o vento. E também os desenhos muito espontâneos de gatos, vasos, pessoas, estendais ou vistas da janela que com ela se cruzam todos os dias.⁵

Esse livro-objeto, que pode ser visto como um “artefacto ou um objeto híbrido no qual se conjugam intersemioticamente registos estéticos diversos como o discurso literário, a ilustração, o design ou a engenharia do papel” (SILVA, 2020, p. 8), é “um caderno que é um diário. Um diário que é um lugar. Um lugar onde se juntam os textos de Ana Pessoa e as ilustrações de Joana Estrela”⁶.

5 Disponível em: <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/aqui-e-um-bom-lugar/>. Acesso em: 09 mai. 2023.

6 Disponível em: <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/loja/aqui-e-um-bom-lugar/>. Acesso em: 09 mai. 2023.

Em seu final, concluída a história de Teresa, recorrendo à alternância entre as cores preta e azul, tanto no fundo do papel, quanto no texto verbal ou nas imagens, comum a todo o projeto gráfico, temos um paratexto que identifica quatro das muitas possíveis intertextualidades presentes no caderno-diário:

Figura 1 – Intertextualidades⁷

Como o leitor se terá apercebido, Teresa Tristeza faz referência a alguns livros ao longo do seu caderno. São eles:


"Até ao fim", Vergílio Ferreira
 "Fahrenheit 451", Ray Bradbury
 "História de um caracol que descobriu a importância da lentidão", Luis Sepúlveda
 "O amante", Marguerite Duras

Fonte: PESSOA, 2019.

No verso da página em que essas intertextualidades são elencadas, as duas autoras se auto apresentam, sem que distingam escritora e ilustradora:

Figura 2 – Apresentação das autoras Ana Pessoa e Joana Estela

Olá! Eu sou a Ana.
 Olá! Eu sou a Joana.
 Foi eu que escrevi estes textos.
 E fui eu que fiz os desenhos.
 Eu gosto muito de cadernos.
 E eu também!
 Então um dia eu e a Joana falámos disto, da nossa relação com cadernos.
 Pois foi. E depois a Ana mostrou-me uns textos e eu mostrei-lhe uns desenhos.
 Pois foi.
 E foi assim que nasceu este livro.
 Pois foi.
 E agora este livro chegou ao fim.
 Pois é.
 Espero que gostem dele.
 Eu também!
 Então adeus.
 Tchau!



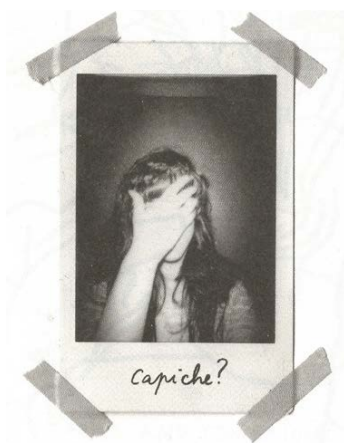
Fonte: PESSOA, 2019.

7 As páginas do livro não são numeradas. Assim, a localização de figura ou texto verbal será feita por descrição ou pela sequência em que se encontram na obra.

O texto imagético que compõe a narrativa é de múltiplos teores primários, implicando, inclusive, variações de tipologia ou de tamanho de caracteres que se reúnem a muitas figuras. O texto verbal incorpora diversos gêneros, como anotações, bilhetes, cartas, provérbios, poesias etc., e é grafado de modo bastante variado. Nesse universo, há dezenove diferentes imagens que se pressupõe afixadas no diário com tiras de fita adesiva. Elas não são de uma mesma natureza. Ao longo de nossa leitura, percorremos suas ocorrências⁸, comentando-as.

A primeira imagem invoca o receptor a percepção de que a moça que escreve é personagem sobre a qual ela está escrevendo. A imagem induz a que se pense na representação de uma personagem de índole religiosa, à volta da qual emana ou imana claridade, constituindo uma aura. Trata-se de uma moça de pele clara, cabelos longos, caídos por cima dos ombros, que escorrem peito abaixo. Ela cobre o rosto com a mão direita, impedindo que se lhe veja a face.

Figura 3 – A moça que é Teresa



Fonte: PESSOA, 2019.

8 As localizações superior, inferior e laterais direita e esquerda que apontarmos seguirão a perspectiva do leitor, não a localização na página do livro, assemelhando-se, portanto, às imagens refletidas em um espelho. Esta observação busca evitar divergências entre possíveis óticas adotadas.

O texto verbal retoma o início da narrativa, em que Teresa está sentada na cama, escrevendo no diário. À esquerda dessa imagem, está escrito:

O OUTONO CHEGA.
AS FOLHAS CAEM.
A RAPARIGA ESCRIVE.
Que rapariga?
AQUELA.
Qual?
ALI AO FUNDO.

No alto, ao centro, segue:

Bolas! É feia, a miúda.
POIS É.
E mal-encarada.
SIM, MAS... É O QUE HÁ.
A GERÊNCIA LAMENTA.

Teresa acha-se feia e mal-encarada, mas, embora lamente que seja assim, aceita. Isso justificaria a moça da imagem cobrindo o rosto com as mãos e impedindo que lhe vissem a face.

A certo passo da história informa-se que “cachopa foi à biblioteca”. Escolheu um livro que se chama “*O amante*”. Abaixo dessa informação, há o desenho do que seria o livro, com uma ilustração na capa, o nome da autora – Marguerite Duras – e o título. A seguir, diz-se que “cachopa lê sobre um amante porque não tem um amante”. Na página ao lado, cuja imagem, feita em traços de desenho, mantém relações com a ilustração da capa d’*O amante*, o texto verbal expõe que:

A protagonista do livro tem
15 anos e já tem um amante.
A leitora tem 17 anos e nunca
Teve um amante na vida.

PROTAGONISTA – 1 LEITORA – 0

Adiante, acima da segunda de outra imagem, lemos que:

A cachopa é virgem
até dizer chega.

E a cachopa, insatisfeita com sua virgindade, diz:

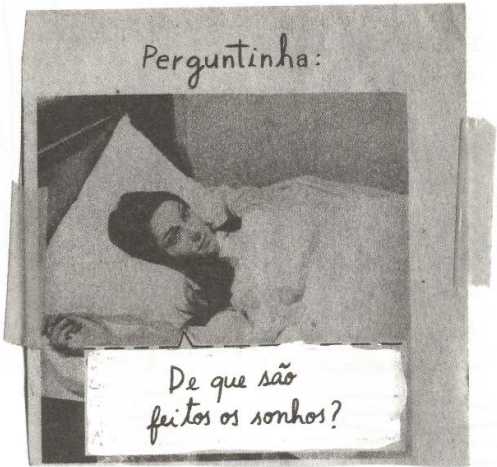
Figura 4 – Teresa grita basta à virgindade



Fonte: PESSOA, 2019.

As duas imagens após essas seriam cenas de uma mesma fotonovela. A personagem pergunta (-se):

Figura 5 – Teresa e seus sonhos



Fonte: PESSOA, 2019.

E, sem atenção ao ditado da avó, assume:

Figura 6 – Teresa e sua inércia

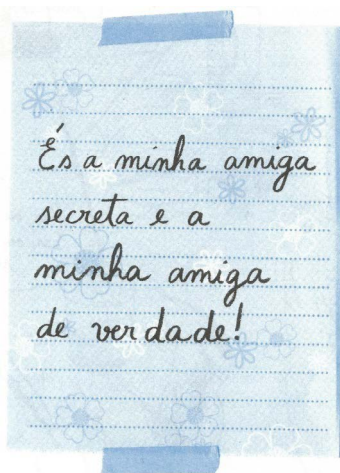


Fonte: PESSOA, 2019.

Teresa tem poucos amigos e ainda não namorou. Em dado momento, ela supõe que seu professor Alfredo lhe tenha piscado o olho, e admite ter uma grande atração por ele. Adiante, vem uma “história da carochinha”⁹, na qual uma rapariga tem um novo amigo que não é imaginário, mas de verdade. Esses episódios remetem aos sentimentos de Teresa, que se consideram nulos, ninguém.

Há um distanciamento entre a última imagem e a de agora, mas a narrativa não deixa de se valer de diálogos solidários cooperativos entre imagens e palavras. Em sequência à história da carochinha, surge a imagem de uma folhinha de caderneta com uma declaração de amizade:

Figura 7 – A declaração de amizade de Mariana



Fonte: PESSOA, 2019.

A imagem se insere no contexto da moça solitária, ansiosa por amigos e amores. O percurso de Teresa se mantém. Troca bilhetes com Careca, seu amigo secreto, que lhe dirige poucas palavras. Seu

9 O senso comum tem por certo que as histórias da carochinha são ficção, um mundo de faz de contas, em que as personagens vivem seus sonhos.

quotidiano perpassa a escola e o lar, com incursões esparsas por outros lugares nas idas e vindas. O professor Alfredo ressurgue durante um jogo de vôlei.

Adiante, ao lado de uma foto em preto e branco, com os avós de Teresa vestidos com a roupa de casamento, um texto verbal, disposto na vertical, ao lado da foto, diz que Alfredo faz vinte e nove anos e, como ela tem dezessete, a diferença de idade entre eles é de doze anos, idêntica à de seus avós. O texto continua afirmando que eles vão se casar e ter muitos filhotes. Ao final, anuncia: “Brevemente, num cinema perto de si”. Realidade e ficção entrelaçam-se.

Outro intervalo distancia a imagem anterior dessa próxima. Teresa e Mariana vão à praia feia, na ponta da cidade, onde nem as gaivotas pousam. Seguem-se duas imagens, dispostas uma sobre a outra, que podem ser fotografias desse local. O texto verbal acima delas iguala a feiura das moças à da praia. As duas imagens são pouco legíveis, incutindo mais dúvidas do que certezas em relação ao que nelas se vê. O desfoque distorcido dialoga com os medos das duas moças e a virgindade de Teresa.

Figura 8 – As moças e a praia feias (1)



Fonte: PESSOA, 2019.

Figura 9 – As moças e a praia feias (2)



Fonte: PESSOA, 2019.

O cotidiano de Teresa segue com a presença mais amiúde da Mariana, esparsa do Careca e alguma do professor Alfredo. O texto notícia que o professor Alfredo teria passado por Teresa e Mariana e dito:

“Olha que duas!
A sorte grande e a terminação”.

Assim, nova imagem de uma moça, pergunta:

Figura 10 – Moça perguntando

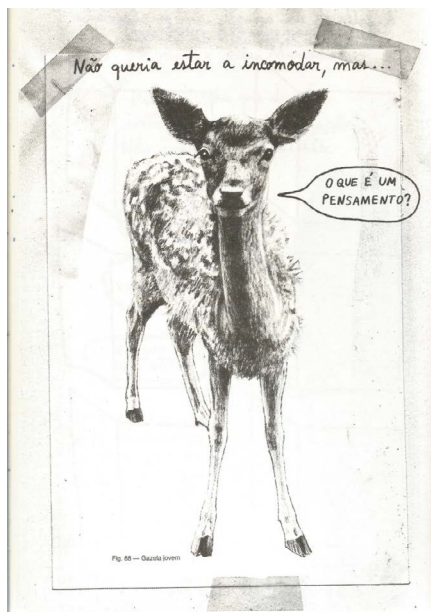


Fonte: PESSOA, 2019.

A dúvida é uma constante no percurso de Teresa, especialmente no que se refere aos amigos e ao amor. Sua vida é incerta.

Duas páginas à frente, temos uma nova imagem, na qual a figura deixa de ser uma moça, como vinha reincidindo, e passa a ser uma gazela jovem, antropomorfizada¹⁰. A escusa do texto verbal anteposto à figura da gazela, terminada em reticências, encontra-se no mesmo contexto de hesitações que pululam à volta de Teresa. A jovem gazela é sua representação imagética.

Figura 11 – Gazela jovem perguntando



Fonte: PESSOA, 2019.

Verifica-se um novo espacejamento entre a imagem anterior e a próxima, que retoma uma questão antecedente àquela imagem. Somos levados a oscilar entre entender que Teresa se refira ao

¹⁰ O que define a personagem é o seu caráter antropomórfico. Ela pode ser uma figura humana ou animais e objetos que com ela se homologuem (REIS, 2018, p. 162-165).

professor, à procura da sorte grande, que lhe seja infinita, ou que ela mesma esteja nessa procura, conforme, aliás, outros índices textuais vêm indicando:

Figura 12 – Teresa à procura da sorte grande



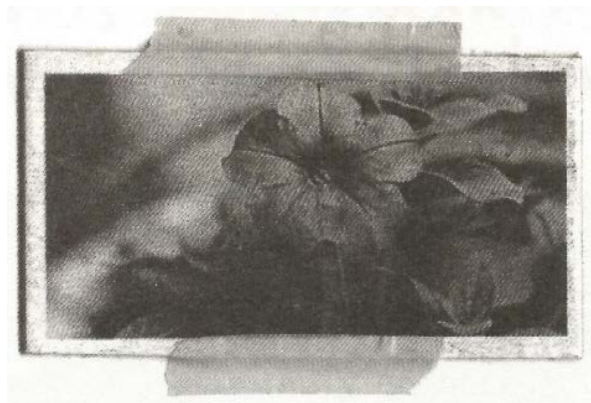
Fonte: PESSOA, 2019.

Ao longo do texto, Teresa se mantém com os mesmos anseios, expressos em palavras ou imagens. Sua procura por um amante, um amor renova-se de diferentes maneiras. O medo e a insegurança são igualmente reiterados em variadas situações. Insatisfeita, ela tende a valorar a imaginação face à realidade ao seu redor.

A imagem seguinte dialoga com as interrogações da página anterior à dela. Algo teria passado por Teresa, mas ela não identificara o quê. Sabe ser radiante, selvagem; soa-lhe como um sopro, uma onda, um fantasma. Pergunta(-se) se é a Sininho, e responde que não; se é um passarinho, e torna a responder que não; e o que seria, afirma ser a Imaginação, com maiúscula inicial.

A primeira das duas imagens, com uma flor em meio à folhagem, em diálogo com as palavras abaixo, parece responder parcialmente às perguntas de Teresa:

Figura 13 – Flores e passarinhos



Fonte: PESSOA, 2019.

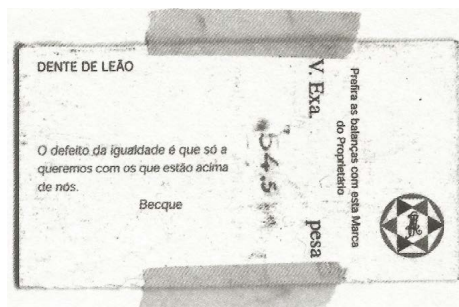
Hoje vi árvores floridas.

E passarinhos.

A PRIMAVERA já cá canta.

A imagem seguinte está sob à anterior e sobre àquelas palavras. O que chama a atenção são o pronome de tratamento V. Exa. e, na vertical, uma expressão em maiúscula – DENTE DE LEÃO – e a citação de um fragmento de texto do dramaturgo francês Henry Becque. O conjunto não apresenta coerência, e cremos que, igualmente se dá em outros momentos, represente o sem sentido experienciado por Teresa.

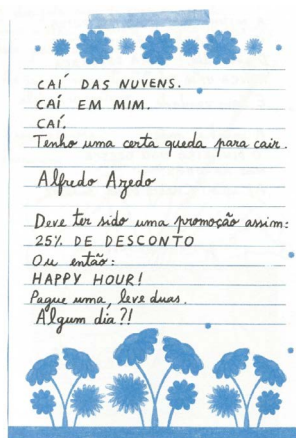
Figura 14 – Ficha de pesagem e citação de Becque



Fonte: PESSOA, 2019.

A próxima imagem seria uma folha de caderno ou caderneta. Na página ao lado à dela, há referência ao professor Alfredo com a aliança no dedo. Alguém lhe teria perguntado sobre a aliança, o casamento, e ele respondera que fora ao mercado e comprara uma noiva em promoção. Teresa assevera ter caído, caído em si, uma reincidência, e seguem-se expressões que ironizam o casamento de Alfredo. Arriscamos recorrer ao dito popular, “quem desdenha quer comprar”, como explicação para o que diz Teresa a partir de Alfredo Azedo.

Figura 15 – Bilhete de balança



Fonte: PESSOA, 2019.

A imagem de agora está na página às costas da anterior. Nela, como em muitos momentos ao longo da narrativa, um animal cumpre função de personagem. Teresa aflige-se em busca de liberdade, quer poder decidir.

Figura 16 – Foca perguntando



Fonte: Pessoa, 2019.

Seguindo a busca por liberdade, temos uma moça segurando um bastão com uma placa muito maior do que ela. Na placa, está escrito:

LIBERDADE JÁ!

JÁ É JÁ!

CONHAQUE É

CONHAQUE!

LIBERDADE É

LIBERDADE!

Abaixo da placa, “ou não”, e, em um balão de fala, a moça diz “NÃO É NÃO!”. Na página ao lado, uma imagem, composta por Fig. 1, representando um ser humano, e Fig. 2, supostamente um cachorro.

Figura 17 – Homem e cachorro



Fonte: PESSOA, 2019.

A palavra Imaginação torna a aparecer grafada com inicial maiúscula. O diálogo entre as duas figuras e os textos verbais reafirmam a não conquista de liberdade desejada por Teresa.

A nova ocorrência repete situações anteriores. Duas imagens se sobrepõem em uma mesma página. Um animal fala. O tema é viagem. A primeira das imagens tem um bode, e sabemos que é originária do *Museum National d'Histoire Naturelle*. A rima Teresa-Veneza¹¹ leva o leitor a considerar que a viagem seja para Veneza. Impossível não correlacionar esse momento ao desejo que Teresa externou em ir à viagem de finalistas, às suas queixas por liberdade, às várias ocorrências de pássaros ao longo da história, mas não se pode deixar de destacar que a representação antropomórfica de um animal lhe é impositiva: “Já é já!”.

11 Ao longo da história, em diferentes situações, há vários momentos nos quais se recorre à rima de Teresa com outras palavras com a mesma terminação, como, por exemplo, tristeza ou natureza.

Figura 18 – O bode falante



Fonte: PESSOA, 2019.

A segunda imagem é um bilhete de transporte francês, em que se identificam diferentes modalidades. De certo modo, rasura a sugestão de que a viagem fosse para Veneza.

Figura 19 – Bilhete francês de transporte



Fonte: PESSOA, 2019.

A nova imagem parece ter sido recortada de uma fotonovela. O texto verbal ao alto está riscado, sussurrando, possivelmente, uma alusão ao beijo das personagens. O rosto da figura masculina é um borrão branco. As palavras escritas dentro do rosto sugerem que tanto uma quanto a outra personagem não sejam uma pessoa. O texto verbal por sobre e por baixo da imagem fala de saudades. Há dúvidas sobre saudades de quê. O vazio de Teresa permanecerá. Ela ainda não teria encontrado seu amor, seu amante, sua liberdade.

Figura 20 – O beijo



Fonte: PESSOA, 2019.

A última das dezenove imagens que identificamos como se estivessem afixadas no diário com pedaços de fita adesiva está já bem ao final do livro. Teresa não deixa de perguntar se morrerá virgem, mas surge à beira mar e diz ter voltado a ler *Até ao fim*, de Vergílio Ferreira, cuja leitura abandonará. Revela estar gostando. O cenário em nada se parece com o da praia feia, a que fora com Mariana. O fim do romance de Ferreira e da escritura do diário de Teresa encontram-se.

Figura 21 – O mar



Fonte: PESSOA, 2019.

Até o final, repetem-se as queixas pela manutenção da virgindade, a busca por um amante, o anseio de liberdade, o recurso à imaginação como fuga. Teresa faz dezoito anos. Conclui a leitura do romance e gosta. Por desfecho, pergunta: “É preciso fazer um desenho?”. E segue-se um desenho de plantas floridas, pássaros emitindo pios, bodes, uma figura humana deitada sobre uma folha da planta, fadinha, uma caneta ou lapiseira, uma guimba de cigarro amassada e o que parece ser uma pinça.

Aqui é um bom lugar conta, com imagens de natureza variada, reunidas a palavras de modo diverso, a história de uma moça, na viragem de seus dezessete para dezoito anos, que vive as inseguranças próprias da idade. Afligem-lhe os poucos amigos, a falta de um amante e a manutenção da virgindade. Ela registra suas aflições em seu diário, e o faz escrevendo, desenhando, colando etc., imagens de natureza variada. A narrativa de Ana Pessoa e Joana Estrela transcende o diário de Teresa, no “contexto do livro-objeto, nomeadamente através dos

cruzamentos e interferência entre gêneros, artes e discursos que o investimento criativo na materialidade potencia” (RAMOS, 2022, p. 8), acrescentando-lhe os paratextos que destacamos e os demais que são comuns à edição de um livro.

As meninhas que antecipam anseios semelhantes aos de Teresa leem o livro com o mesmo envolvimento das mocinhas, bem como as mães o leram atentas à educação e à felicidade de suas filhas. *Aqui é um bom lugar*, narrativa multimodal literária, livro-objeto, deve ser apontado como narrativa *crossover*, atravessando públicos-alvo de diferentes idades.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

NAVAS, Diana. Literatura juvenil e outras artes: a multimodalidade em cena. In: MICHELLI, R; GREGORIN FILHO, J. N; GARCÍA, F. (Orgs.). *A Literatura Infantil/Juvenil entre textos e leitores: reflexões críticas e práticas leitoras*. Rio de Janeiro: Editora Dialogarts, p. 147-166, 2020.

PESSOA, Ana. *Aqui é um bom lugar*. Ilustrações de Joana Estrela. Planeta Tangerina: Carcavelos, 2019.

PINHEIRO, Melina. Galete. Braga. *Uma leitura do romance A vida no céu, de José Eduardo Agualusa, à luz do conceito de crossover fiction*. 2015. 79f. Dissertação (Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2015.

RAMOS, Ana. Margarida. Introdução. In: RAMOS, A. M. (Org.). *Livro-objeto: metaficção, hibridismo e intertextualidade*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, p. 7-10, 2022. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/36559/1/Livro-Objeto - DIGITAL.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2023.

RAMOS, Ana. Margarida. *Distinções de imprensa*. 23 nov. 2016. Disponível em: <https://www.planetatangerina.com/pt-pt/sobre/ana-pessoa/>. Acesso em: 09 mai. 2023.

- RAMOS, Ana. Margarida; NAVAS, Diana. Percursos da narrativa híbrida em língua portuguesa: um estudo comparado. *FronteiraZ*. São Paulo, n. 14, p. 70-89, jul., 2015.
- REIS, Carlos. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Editora Almedina, 2018.
- SILVA, P. M. “Aqui é um bom lugar” | Ana Pessoa e Joana Estrela. 19 set. 2019. Disponível em: <https://deusmelivro.com/mil-folhas/aqui-e-um-bom-lugar-ana-pessoa-e-joana-estrela-19-9-2019/>. Acesso em: 09 mai. 2023.
- SILVA, Sara Reis da. Apresentação. In: SILVA, S. R. da (Org.). *Clássicos da Literatura infantojuvenil em forma(to) de livro-objeto*. UMinho Editora, p. 7-14, 2020. Disponível em: <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/book/13>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- VALIM, Grazielle Maria; NAVAS, Diana. A Literatura Juvenil e o Fenômeno Crossover: Uma Leitura de Limite Branco, de Caio Fernando Abreu. In: *Línguas & Letras*. Cascavel, [S. l.], n. 47, v. 20, p. 181-194, 2019.